

MEMÓRIAS, REGISTROS E IDENTIDADES: O CELULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Aline Ferreira da Silva
alinegandhi@hotmail.com

Resumo: As análises apresentadas neste artigo são resultado da experiência metodológica desenvolvida ao longo do ano de 2019 com o projeto de pesquisa intitulado “**Se não pode com ele, junte-se a ele**”: o uso do celular como ferramenta pedagógica e científica no ambiente escolar. O mesmo, vinculado ao Instituto Federal de Sergipe, teve como objetivo desmistificar a visão negativa acerca do uso do celular em sala de aula e imprimir a este um caráter didático e pedagógico. Trazendo como temática “o cotidiano escolar”, o objetivo do projeto foi despertar no estudante o interesse por fotografar e registrar a sua trajetória estudantil desenvolvida neste espaço e no itinerário que leva até ele. Queríamos saber, a partir de tais registros, quais cenas os estudantes gostariam de registrar? Por que as escolheram? Quem são as pessoas, as situações, os fatos que marcaram a vida escolar? Neste artigo mostraremos parte dos resultados obtidos ao longo desta experiência, dialogando com referenciais teóricos da Sociologia e da Antropologia da imagem. Ao final das reflexões demonstraremos que a relação estudantes/tecnologias pode ser, didaticamente, articulada no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Identidade, memória, resignificação, metodologias.

INTRODUÇÃO

O uso do celular por crianças e jovens no ambiente da escola, inclusive em sala de aula, é um fato. Os alunos estão on-line e conectados local e globalmente e, muitas vezes mais articulados com os fatos que acontecem fora da escola do que com os que são retratados pelos livros e professores. Este dado desafia estudiosos, mestres e pais diante do anseio de pôr limite ao uso de tal tecnologia.

Em reuniões pedagógicas são frequentes os relatos desesperados de pais e mestres acerca do celular, os quais atribuem ao

mesmo o baixo desempenho educacional dos seus filhos e alunos. Neste cenário os relatos por parte dos pais se assemelham: “eu não sei mais o que fazer”; “não consigo ter controle sobre o uso que os meus filhos fazem do celular”; “já proibi o acesso à internet, mas não adianta”. Por outro lado, não menos apavorados, professores e demais profissionais da educação pedem medidas enérgicas por parte da escola e da família, deixando claro que não dá para competir com o celular. Afinal, é quase impossível convencer aos alunos que é mais atrativo aprender as regras gramaticais e a lógica matemática do que deleitar-se num mundo de jogos, interatividade, conversas informais e uma infinidade de atividades que dispensam a formalidade requerida em uma sala de aula.

Diante deste cenário, a questão é: as aflições e o repúdio às tecnologias não farão com que os nossos discentes deixem de lado esta ferramenta para, voluntariamente, abrirem-se às, também infinitas, possibilidades didático-metodológicas da sala de aula. Afinal, longe de ser um dilema pontual, esta questão insere-se em um contexto maior, como por exemplo, o fato de o Brasil ser considerado o país no qual as pessoas mais passam tempo ao celular: quatro horas e quarenta e oito minutos por dia, segundo dados da empresa *Statista*, com base no ano de 2016. Logo atrás, estão, respectivamente, a China (três horas e três minutos), os Estados Unidos (duas horas e trinta e sete minutos), a Itália (duas horas e trinta e quatro minutos) e a Espanha (duas horas e trinta e onze minutos).

A partir da constatação desses dados, podemos inferir ao menos três conclusões: primeiro, o uso do celular não é uma questão

isolada, que diz respeito somente ao estudante brasileiro. Mais do que isso, trata-se do perfil da nação como um todo, o que nos leva a depreender que não dá para pensar que somente implantando regras rígidas na escola, a interferência deste aparelho no processo de ensino-aprendizagem vai ser solucionada. Segundo, a tendência é que o acesso a aparelhos celulares cresça, e não diminua, nos próximos anos, o que significa que teremos que continuar pensando em alternativas para lidar com este fato. E terceiro, e é neste ponto em que a nossa proposta se apresenta, se temos e teremos que lidar com esta realidade, que ao menos aprendamos a fazê-la de forma produtiva. Que façamos do celular não o inimigo da educação, mas uma ferramenta a mais para o acesso aos diversos saberes. E é neste sentido que propomos: se não podemos concorrer ou superar o uso dos celulares em sala de aula, façamos dele o nosso aliado.

MATERIAL E MÉTODOS - O uso sócio antropológico da fotografia

Com origem no século XIX, a fotografia representou para o mundo moderno-contemporânea uma grande mudança em relação à forma como o mesmo é captado. Isso porque, diferente da escrita, que narra os fatos conforme o seu escritor, e da pintura, que mescla a inspiração do artista com as demandas do cliente, a fotografia, reveste-se de maior objetividade. De acordo com BASTOS (2014:137), enquanto “a pintura é, quase sempre, feita por encomenda pelos poderes estabelecidos” a “fotografia é imediatamente considerada objetiva e autêntica”. (p. 137)

E é justamente por ser considerada como mais realista do que outras fontes que a fotografia vem sendo historicamente usada como documento dos processos sociais. Seja no jornalismo (fotojornalismo), nas mesas de cientistas, nos relatórios de arquivos

policiais, a fotografia assumiu o status de “documento”, servindo para testemunhar realidades e recordar a existência dessa mesma realidade (BASTOS, 2014).

No âmbito da Antropologia Cultural, por exemplo, a fotografia era usada para mostrar ao mundo as culturas primitivas, as diferenças dos sujeitos humanos, suas manifestações religiosas, artísticas e sociais. Neste primeiro momento, ela não era um objeto de análise, mas tão somente a constatação ilustrativa de que o cientista esteve lá, naquela realidade adversa.

No decorrer dos meados do século XX, porém, estudiosos como Margaret Mead e Gregory Bateson (1942) deram um caráter mais complexo à fotografia: extrapolar os limites da pesquisa antropológica do seio da escrita para a leitura via imagem. A partir daí, com a construção de diversas teorias sobre a fotografia, esta passa a ser desde um campo semântico, com significados e significantes, até um objeto de disputa de poder.

Acompanhando estas novas propostas metodológicas, a Sociologia não se absteve de tomar a fotografia como problemática de suas abordagens (BODART, 2015). Desde 2005 o Congresso Brasileiro de Sociologia (SBS) vem dedicando parte de suas discussões para os temas “didática” e “fotografia” (Grupo de Trabalho Metodologia e Materiais Didáticos), assim como a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/ANPOCS e o. Em 2008, o renomado Sociólogo José de Souza Martins publicou um livro com o tema “Sociologia da Fotografia e da Imagem”, no qual a fotografia foi compreendida como a representação de imaginários socialmente partilhados. Afinal, ao observá-la, não só recebemos um produto capaz de revelar simbologias e histórias, mas um material que nos incita a indagar: quem são aquelas pessoas ou coisas? Como vieram? Como pararam ali? Como seria ter pertencido àquele mundo?

RESULTADOS E DISCUSSÕES - O celular como ferramenta didática no processo de ensino-aprendizagem

As primeiras atividades do projeto tiveram início no mês de janeiro de 2019. Depois de divulgar a proposta do mesmo, os alunos foram convidados a participarem de oficinas de imagem e fotografias, as quais tinham como propósito permitir contato mais indagativo sobre o ato de fotografar. Como aliado de nossas atividades de sensibilização, recorremos aos trabalhos de dois renomados fotógrafos brasileiros: Sebastião Salgado (1993, 1997, 2000, 2013, 2014) e João Roberto Ripper (2009).

Em um contexto social no qual os indivíduos estão cada vez mais autocentrados, preocupados apenas com a self que mostrará nas redes sociais, a observação de trabalhos como estes serviram de inspiração para o “olhar o mundo ao redor”. Afinal, como bem disse Roberto RIPPER (2009):

Fotografar é fundamentalmente descobrir, reconhecer valores. E, para isso, o fotógrafo precisa se despir um pouco do egocentrismo, de querer ser o centro das atenções e se permitir estabelecer essa relação de comunhão, em que você aprende com o outro.” (RIPPER, 2009 s/n)

E foi precisamente no intento de descentralizar o olhar para si mesmo que o projeto começou a captar os seus primeiros partícipes. Das rugas que viam nas imagens de Sebastião, aos sorrisos desdentados captados por Ripper; das belezas de paisagens longínquas da Antártida, aos olhares tenebrosos da fome. Tudo isso levou a momentos de silêncios refletidos, a expressões de espanto, interrogação ou incerteza.

O contato com o preto e branco de Sebastião Salgado os tiraram da zona de conforto. Alguns não se conformavam com o quanto que uma imagem “sem colorido” poderia revelar

realidades tão profundas. “Professora, como ele fez isso?”. Outros, desafiados com a obra-prima que viam a sua frente, quiseram também mostrar as suas habilidades com a dualidade dos tons.

Bastaram apenas alguns dias de contato com as obras de Sebastião e Ripper para que o meu celular, WhatsApp, começasse a receber diversas imagens. Eram fotos de árvores, ônibus, cachorros, flores, tênis, amigos. E do céu. Este foi o grande arrebatador das inspirações dos alunos num primeiro contato com a fotografia. O entardecer, o anoitecer, o amanhecer. Como o céu os encantavam. Com lua, arco íris, pegando o cantinho da serra ou as nuvens carregadas de um dia de chuva.

Ao longo do projeto, percebemos que, embora poucos, alguns alunos não tinham celular. A constante afirmação de que vivemos em uma sociedade da tecnologia nos fez desprezar um elemento básico em nosso trabalho: a tecnologia não é uma ferramenta, de fato, acessível a todos. Os nossos alunos, grande parte advindos da zona rural sergipana e cujas famílias têm renda familiar abaixo de um salário mínimo, não são tão informatizados quanto sugere o conceito. Com isso, foi necessário dispor de um aparelho de celular que fosse disponibilizado para uso dos que necessitassem.

Em meados de março 2019 realizamos uma oficina com um fotógrafo profissional, Thiago Wierman, o qual debateu durante horas sobre temas como enquadramento, composição e iluminação. Na atividade, os alunos aprenderam sobre o ato de fotografar e tiveram a oportunidade de colocar em prática o que fora ensinado na oficina. Na atividade prática, o resultado foi a captação de uma diversidade de imagens, as quais iam desde a representação de como os alunos se relacionavam com seus pares, até a forma como vêm o espaço físico da escola.

O momento de maior intensidade do projeto de fotografia teve data, hora e motivação. Era 30 de abril de 2019 quando o então ministro

da educação, Abraham Weintraub, anunciou o contingenciamento de 30% do orçamento de todas as universidades e institutos federais de ensino. Em meio ao clima de insegurança, incerteza quanto ao futuro escolar e diversas convocações de reitor, diretor e dirigentes do Campus para comunicar os impactos dos cortes para o funcionamento da instituição, os estudantes passaram a vivenciar uma realidade que ainda não conheciam.

Na iminência de que as atividades pudessem parar em três meses, um clima de resistência, protestos e mobilizações configurou-se entre os estudantes de instituições públicas e, particularmente, do IFS/Itabaiana. Todos os processos políticos de mobilização e protesto social, que até então tinham sido vistos apenas nas aulas de História e Sociologia, estavam acontecendo na prática: convocação de assembleia estudantil para dispor sobre possível paralisação; articulação com lideranças de movimentos estudantis de outras instituições; adesão a manifestações de rua; visibilidade e, até mesmo conflito, com a imprensa.

Tais fatos mexeram não somente com o dia-a-dia dos estudantes como trouxeram para eles novas inspirações para o registro fotográfico. Caras pintadas, rostos gritantes, faces de indignação, estas formas as imagens que diversos estudantes quiseram registrar da sua vivência na escola. As imagens humanas, as expressões de luta e indignação, a altivez da voz diante do descaso com a educação era o que inspirava o click.

Ao longo do mês de Maio as mobilizações no Instituto trouxeram novas inspirações para os estudantes. Agora, eles se descobriam como sujeitos em luta, jovens capazes de se mobilizarem e dizerem “não” aos imperativos do Estado. O resultado aparece nítido nas fotografias. Olhares firmes, mãos que demonstravam força e coragem, camisas que representam o luto e a luta.

O branco e verde do fardamento diário foram substituídas pela intensidade do preto. E aquele

tornou-se a cor de um novo uniforme. Um uniforme não apenas de jovens que frequentam uma escola, mas de jovens que têm que lutar para continuar indo à escola.

A adesão dos alunos pela paralisação e manifestação nas ruas no dia 15 de Maio foi outro tema que impulsionou o clique dos alunos. Tanto a oficina de cartazes, que ocorreu no dia 13, quanto o próprio ato do dia 15, foram fartamente fotografados. As fotos enviadas acionaram temas que remetem à infância: tinta, pincel e pintura. Reunidos em salas ou protestando nas ruas, as imagens captadas nos convidam numa verdadeira “Aquarela”, ao modo do cantor e compositor, Toquinho. Em folhas brancas, as tintas se misturaram e formaram letras, palavras, frases, ideias.

CONCLUSÃO

Em termos de sociedade global, interconectada, digital, pensar na educação escolar tendo como base o “quadro e o giz”, é, no mínimo, abrir espaço para o desinteresse do educando. A sala de aula, as metodologias de ensino devem estar atentas às mudanças sociais, culturais e tecnológicas, e como tal, devem lidar com todas elas de forma interativa, dialógica.

O uso metodológico do celular em sala de aula permitiu ter uma pequena dimensão dos desafios que enfrentamos diariamente. Se por um lado pudemos constatar a eficiência didática do mesmo, por outro, também nos convencemos do quão grande deve ser o planejamento para não nos perdemos em meio a tantas possibilidades.

No que se refere ao uso fotográfico do celular, foi de suma importância conciliar saberes artísticos, sociológicos, antropológicos filosóficos para que os estudantes passassem a redirecionar o trato com o aparelho. Foi preciso convencê-los e, sobretudo, sensibilizá-los diante das possibilidades do mundo lá fora, que estão para além do eu, das selfs, da autopromoção nas redes sociais.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, L. E. R. **Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho.** Porto Alegre: Tomo, 1997.
- BARTHES, R. **A câmara clara.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BASTOS, Ana Rita. **A fotografia como retrato da sociedade.** Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXVIII, 2014, pág. 127 - 143
- BAUMAN, Z; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a Sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BERGER, J. **Modos de ver.** Barcelona: Gustavo Gili, 2007.
- BODART, Cristiano das Neves. **Fotografia como recurso didático no ensino da Sociologia.** Revista Em Tese, UFSC, v.12, n.2, ago/dez., 2015.
- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem.** São Paulo, Contexto, 2008.
- SARDELICH, M. E. **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo , v. 36, n. 128, 2006, p.451-472. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt15742006000200009&lng=en&nrm=iso> . Acessado em: 09 ago. 2015.